

## OS (DES)ENCONTROS DO NARRADOR

Giseli Cristina TORDIN<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, discutimos de que maneira a *mimesis* do desejo no conto “Las doce a Bragado”, de Haroldo Conti, dinamiza um resgate do tempo do narrador enquanto criança por meio do encantamento em relação a seu tio. Comparamos este conto com a narrativa de Autran Dourado, “As voltas do filho pródigo”, cuja rememoração é construída às avessas: é a partir do olhar infantil, no próprio tempo das peripécias narradas, que se refunde um tempo anterior, já vivido. A *mimesis* do desejo, nos dois casos, opera como enlaçamento entre uma história que ficara suspensa e a constituição do sujeito.

**Palavras-chave:** Conto; Desejo mimético; Memória; Tempo.

**RESUMEN:** En este artículo, se busca entender cómo la *mimesis* del deseo en el cuento “Las doce a Bragado”, de Haroldo Conti, le permite al narrador rescatar el tiempo de su niñez a través de la admiración que sostiene por su tío. Comparándolo con la narrativa “As voltas do filho pródigo”, de Autran Dourado, notamos en este que la rememoración se construye al revés: desde la mirada infantil, en el tiempo de las peripécias narradas. La *mimesis* del deseo, en ambas narrativas, enlaza una historia familiar antigua y la constitución del narrador como sujeto.

**Palabras-clave:** Cuento; Deseo mimético; Memoria; Tiempo.

### 1. INTRODUÇÃO

Haroldo Conti (1925-1976), escritor argentino, nasceu na cidade de Chacabuco, situada no estado de Buenos Aires. Colaborador da revista cultural *Crisis*, Haroldo Conti teve precocemente sua produção literária interrompida em 1976 quando, no início da ditadura militar argentina, foi sequestrado. Ainda hoje, faz parte da lista de desaparecidos políticos.

Embora os romances de Conti tenham alcançado renome internacional e sejam mais frequentemente objetos de pesquisa, a sua obra contística, ainda sem tradução, é pouco estudada pela crítica literária brasileira. Apenas em 1994 a editora Emecé publicou um volume único dos contos completos, reeditando-o em 2000 e em 2005. O material que se encontra nessas edições, cabe esclarecer, provém de revistas e de três obras publicadas em vida: *Todos los veranos* (1964), *Con otra gente* (1967) e *La balada del álamo Carolina* (1975). Em 2008, a editora Bartleby lançou a 4ª edição dos *Cuentos completos de Haroldo Conti*, com prólogo de Gabriel García Márquez, escrito originalmente para o jornal *El País*,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista do CNPq. E-mail: gtordin@yahoo.com.br.

em 1976. García Márquez relata, com riqueza de detalhes, o dia em que Conti foi interpelado pelos militares argentinos e preso.

Chama-nos a atenção o lançamento tardio de um volume que reúne todos os contos de Haroldo Conti, publicação esta que ocorre somente após dezoito anos do seu desaparecimento político. Alguns fatores contribuíram para que a obra deste escritor fosse relegada durante muito tempo. O primeiro deles, como nos esclarece Angel Rama (1985), deve-se ao fato de ser um autor que produz a sua obra e publica-a longe da urbe e dos grandes centros editoriais. O outro subjaz no silêncio imposto pelo motor ditatorial. Talvez, estas sejam as mais expressivas justificativas para que a sua produção seja pouco investigada no Brasil.

Com o intuito de multiplicar as leituras possíveis da obra contística de Haroldo Conti, perscrutando no interior do conto o engenho literário que recupera a tradição do Rio da Prata, porém, acomoda intimamente as afinidades do momento, propomos uma leitura comparada com uma narrativa brasileira.

O conto de Haroldo, “Las doce a Bragado”<sup>2</sup>, um dos que compõe a obra *La balada del álamo Carolina* (1975), e a narrativa “As voltas do filho pródigo”<sup>3</sup>, pertencente ao romance de Autran Dourado, *O risco do bordado* (1970), têm em comum mais do que um mesmo âmbito familiar, espaço no qual se desenvolvem as ações.

Os narradores de ambas as histórias expressam alguns desejos a partir dos quais se rearticulam os frágeis fios da memória. E no embate entre o lembrar e o esquecer, entre o aproximar-se e afastar-se dos lugares e pessoas que lhe são mais caras, eles tecem, vagarosamente, a constituição de si, a qual se sustenta através da admiração que têm pelos tios, personagens que lhe são exemplares. Esta postura, no entanto, não deixa de conduzir os narradores a um risco: o do desencontro dos seus desejos com uma realidade factual que lhes é revelada.

---

<sup>2</sup> O nome do conto refere-se a uma corrida, da época da infância do narrador, que tinha uma distância de doze léguas e que unia as cidades Chacabuco e Bragado.

<sup>3</sup> “As voltas do filho pródigo” é o quarto capítulo do romance *O risco do bordado*. Embora a narrativa de Autran Dourado constitua um dos sete capítulos do romance, Alfredo Bosi (1995) elege “As voltas do filho pródigo” para fazer parte da antologia que organiza, intitulada *O conto brasileiro contemporâneo*. No prefácio, o crítico brasileiro menciona o fato de a leitura dos capítulos de *O risco do bordado* poder ser realizada à maneira de um conto. Segundo Sacramento (2005), cada micro-narrativa de *O risco do bordado* concentra-se na história de um dos membros da família, não havendo uma interdependência estrita entre os capítulos: “a obra se constitui como um álbum que alguém folheia com os olhos e demais sentidos” (Sacramento, 2003, p.148).

## 2. OS ENREDOS

### 2.1 “*Las doce a Bragado*”, um encontro ao narrar

O enredo de “*Las doce a Bragado*”, *a priori*, é simples: um narrador em primeira pessoa, a partir de recordações de um passado, apresenta um relato sobre a vida de seu tio, a personagem chamada Agustín. A rememoração parte de um olhar adulto: todas as imagens espaciais que o narrador relata são interiores. Enquanto se narra a história, não há uma percepção direta da cidade e de seu entorno.

Agustín, um exímio corredor, tinha como objetivo, distintamente de qualquer atleta, correr. O ato de correr encerra em si a meta. Conquanto contraditório, Agustín não tinha como objetivo a vitória. Sequer apresenta uma consciência sobre a finalidade de uma corrida. Nunca ganhava porque, por mais que corresse, desviava-se do percurso. Sempre havia um coro que lhe gritava “¡Dale loco!”.

A fascinação do narrador recai justamente sobre esta personagem. Personagem esta que, aos olhos deste sobrinho-narrador, é a única instigante. As outras personagens realizavam tarefas comuns. Agustín, não. Agustín não tinha limites.

Os primeiros momentos referentes à descrição de tio Agustín estão marcados por uma imaterialidade. Agustín não parece acessível: não é possível tocá-lo, trazê-lo para junto de si. É uma personagem que ocupa outra dimensão do lugar, dimensão esta que escapa de uma posição mais ordinária, ou seja, de um local em que vivem os habitantes de Chacabuco ou o próprio narrador. O desejo do narrador é o de apreender este tio. Porém, à medida que se aproxima e, ao que parece, no momento em que possa haver uma total confluência entre os dois, Agustín escapa-lhe por entre as pontas dos dedos.

### 2.2. “*As voltas do filho pródigo*”, um encontro entre segredos

Já em “*As voltas do filho pródigo*”, narrado na terceira pessoa, o menino João tenta desvendar o mistério inerente às voltas de Zózimo, seu tio, que sempre estava viajando. João não podia sequer pronunciar o nome de Zózimo aos seus familiares. Era proibido. Quando Zózimo voltava e deitava-se na rede, João tampouco podia aproximar-se dele, muito embora buscasse estar perto do tio. Somente quando saía daquela rede – um sinal de melhora – é que João conseguia conversar com seu tio e maravilhar-se com suas histórias.

Desde o início da narrativa, a volta do filho pródigo é o evento mais forte nas lembranças do menino João: “Alguma coisa no ar – um som, um cheiro, uma carta – anunciava a chegada de tio Zózimo” (Dourado, 1999, p.89). Diferentemente de “*Las doce a Bragado*”, no qual a afeição primeira pelo tio provém de suas proezas, o encantamento de

João dá-se, primeiramente, através do temor. O nome de Zózimo não podia ser pronunciado – “o próprio nome de Zózimo era um panema terrível” (Dourado, 1999, p.90).

O temor, em relação a Zózimo, está presente nos constantes silêncios que todos da casa guardavam no momento em que antecedia a chegada deste filho pródigo. Desvelar o segredo seria uma maneira de o menino João crescer; constituir-se enquanto sujeito; ser como os de sua casa. Assim, passa a imitar os mesmos gestos dos adultos quando se perguntava algo a respeito de Zózimo. É também de modo implícito que saber a verdade e crescer significavam também aproximar-se de seu tio.

Ele ficou sabendo que não devia nunca dizer o nome de tio Zózimo. Mesmo na rua, ele passou a dizer não. Aprendeu por mimetismos a copiar os de casa, quando alguém, mesmo Zito, que era mais do peito, lhe perguntava sobre o tio. João trancava a cara, os olhos no chão, mudo. Então ficaram sabendo na cidade que o menino também não gostava que tocassem no assunto. Deste mato não sai coelho, dizia João satisfeito da vida; era igualzinho os grandes de sua família. (Dourado, 1999, p.91)

A despeito deste fingimento, João consegue obter um primeiro desvelamento do mistério inerente às voltas de Zózimo: “Mas João gostava mesmo de olhar as orelhas de tio Zózimo” (Dourado, 1999, p.102). João observa uma imperfeição no ouvido externo de seu tio. Zito conta-lhe que aquilo foi provocado por um acidente: “Um dia seu tio sapecou um tiro no ouvido!” (Dourado, 1999, p. 105).

Após saber isto, há uma descrição de como este tiro foi sentido por Zózimo e, ao mesmo tempo, como a notícia é sentida por João. É extraordinária a mistura deste relato. O menino Zózimo e o menino João passam pelo mesmo choque; sofrem as mesmas conseqüências. É através da imaginação que João chega a materializar um contato com o tio: “Porque o menino levou muito tempo para voltar a si” (Dourado, 1999, p.106).

A perda de sentidos, que se aproxima de um grau de sonambulismo, é o que mais contribui para aproximar João do mistério que persegue. Embora esta seja uma descoberta, o mistério das voltas de Zózimo continuava existindo. João ainda não é capaz de desvelar o significado de o tio aplicar a si mesmo um tiro. O fato é revelado. Porém, as intenções do modelo que admira continuam dormentes.

João vacila porque não quer ver ou não sabe ainda ver, com seu tato infantil e olhas ingênuo, os sentidos que se revelam aos poucos. Este outro sentido, no próprio conto, está silente e, inclusive, pode passar despercebido porque o leitor vê a narração sob a ótica do

menino. Não obstante, João deixa transparecer aos seus familiares que havia descoberto o segredo pleno. E todos passam a respeitá-lo.

### 2.3. A dinâmica do lembrar

Distintamente do conto de Haroldo, no qual o narrador marca, permanentemente, a existência de dois espaços temporais: o presente, sempre referido como o “agora” e que constitui o lugar de onde se narra – “Y ahora, es lo que veo” (Conti, 2005, p.240) – e o passado, cuja referência maior são os próprio périplos de tio Agustín, a narrativa de Dourado apaga sutilmente os rastros da rememoração de um sujeito adulto.

“As voltas do filho pródigo” parece se constituir no próprio tempo das peripécias narradas. O narrador utiliza-se de muitos verbos no pretérito imperfeito do indicativo. O sentido que se tateia é o de prolongar a ação, cujos fatos ainda não tiveram um desfecho: “Algumas coisa no ar dizia que Zózimo estava para chegar” (Dourado, 1999, p.89, grifo nosso). Assim, ao se utilizar como procedimento de escrita o pretérito imperfeito e a força da imaginação de um menino – “E com esses fiapos tentava construir a sua história, a sua verdade, de repente tudo lhe foi dado como ele mesmo imaginava (...)” (Dourado, 1999, p.106, grifo nosso) –, o narrador esconde a face adulta de João.

Somos ludibriados por esta dinâmica do lembrar, pois as linhas que orientam a narração estão somente na posse do menino. E este, por sua vez, parece nunca crescer. Estar sempre em formação. Nesse sentido, como não vemos o correr do tempo, o deslocamento entre os espaços - como acontece em “Las doce a Bragado”, cujo narrador contrapõe o espaço atual, melancólico e de ruas asfaltadas, ao espaço pretérito, mais íntimo e familiar, onde a natureza e as ruas de terra uniam os habitantes-, talvez passe despercebido, na narrativa de Dourado, o tempo anterior – acabado, lembrado – que o pretérito imperfeito esconde.

### 3. OS DISFARCES DO DESEJO

Em “Las doce a Bragado”, o narrador tenta custosamente aproximar-se de tio Agustín e, assim, resgatar uma espécie de modelo que admira. O fascínio do narrador por Agustín é construído por meio da constante tentativa de entender aquele tio, personagem esta que se fecha em um mundo próprio. Há um enigma que aquelas pernas *huesudas y flacas* escondem por meio de um laço que cria com a paisagem que está à sua volta. O narrador, que é o sujeito

desejante<sup>4</sup>, precisa vencer uma série de obstáculos para empreender uma aproximação com o tio.

O relato é realizado desde as margens. Margens estas que se materializam no espaço afastado em que vive o tio. Agustín não compartilha com nenhuma outra personagem alguma experiência. Tudo provém de seu isolamento. Reduz-se a vida a um mínimo de contatos humanos e o solitário Agustín se faz no caminho, ou seja, todas as vivências desta personagem provêm das corridas de que participava, de um contato íntimo com a natureza; há um esquecimento das pessoas que estão ao seu redor. O narrador, em contrapartida, almeja participar de forma ativa da vida de Agustín. Porém, no transcorrer da narrativa, a presença do narrador nunca é percebida totalmente pelo tio.

Em uma estrutura triangular, Agustín seria o mediador da relação entre o narrador e o desejo primeiro que ele revela – tornar-se adulto. Porém, conforme nos aponta Girard (1985), a busca pelo objeto não deixa de ser uma busca do próprio mediador. Assim, podemos inferir que a sugestão do tio, que poderia ser interpretada como sendo um modelo de adulto para o narrador imitar, não é a finalidade em si. É um meio de o narrador aproximar-se deste tio.

Em “As voltas do filho pródigo”, a aproximação de João é também muito custosa. Primeiro, ele precisa vencer o mistério imposto por todos. Mistério este construído pelas cartas que vovó Naninha recebia de Zózimo; pelo ódio que via nos olhos de tio Alfredo quando se pronunciava o nome “Zózimo”. Porém, à medida que o mistério aumenta, João empreende cada vez mais esforços no sentido de desvelá-lo. O próprio segredo, neste caso, não funciona estritamente como um obstáculo a ser vencido. Funciona como o próprio mediador. É o segredo que incita João a aproximar-se de seu tio. E isto porque existe uma sugestão de que desvelar o segredo significa alcançar Zózimo. Entendê-lo intimamente.

Existe sempre uma distância entre o modelo e o discípulo, como a que aparece neste trecho: “no mais das vezes tio Zózimo nem parecia dar pela presença de João” (Dourado, 1999, p.94). Porém, esta distância é suplantada nos momentos em que Zózimo melhorava; João entra em contato com a felicidade na forma mais plena. É o momento também em que João consegue efetivamente fazer-se notar por Zózimo:

---

<sup>4</sup> O conceito “sujeito desejante” provém de René Girard (1985). Analisando as obras de Stendhal, Flaubert, Proust, Cervantes e Dostoievski, Girard (1985) observa que, embora haja uma declaração enfática de um desejo espontâneo inerente aos gestos das personagens, existe um terceiro elemento, um mediador, que sugere ao sujeito o objeto que se deve eleger. Nunca há um desejo autêntico. Todo desejo seria, portanto, não dual, mas de natureza triangular, provindo de uma presença terceira. Assim, a escolha do sujeito em relação a um objeto não é autêntica, mas mediada.

Se João estava por perto, Zózimo corria para ele de braços abertos, apertava-o contra o peito, dizendo como é, então, você está me saindo um bom maroto, um rapagão! João sentia aquele corpo quente, o cheiro gostoso e fresco de alguém saído do banho ainda recendendo a sabonete (Dourado, 1999, p.95-96).

Em “Las doce a Bragado”, existe também um desejo implícito do narrador de que tio Agustín o enxergue e que haja um efetivo reconhecimento. Neste sentido, o desejo de ser reconhecido pelo outro, assim como acontece com o menino João da narrativa de Autran Dourado, também move sua ação. Dessa forma, não bastaria apenas seguir o modelo. O modelo necessita reconhecer quem o segue.

Durante a infância, o sobrinho-narrador não consegue fazer com que seu tio o enxergue. Há uma distância inerente à própria memória. Tudo parece estar mais longe. E enquanto criança, o narrador também tem outra percepção da realidade; os objetos e pessoas de seu entorno têm tamanhos maiores; a acessibilidade é diferente. É difícil haver um alcance efetivo. É no transcorrer dos tempos que se poderia, portanto, estreitar o vínculo entre narrador e Agustín. No entanto, tampouco é através da dimensão temporal que o narrador encontra esta aproximação, uma vez que, com o passar dos anos, há uma decrepitude concernente à saúde física do tio. O reconhecimento é impedido pela falha da memória de Agustín.

A aproximação efetiva ocorre quando o narrador passa a imitar os gestos de tio Agustín. O único contato que Agustín mantinha era com a natureza; com os caminhos que percorria. Logo, ser como este tio implicará realizar este mesmo contato. É a natureza, portanto, que unirá os sujeitos.

O primeiro gesto desta aproximação concretiza-se ao participar da mesma corrida de que Agustín participava: “Después crecí, eché sombra como un árbol y hasta yo mismo participé en la Fondo de las 12 a Bragado, pero no pasé del cementerio.” (Conti, 2005, p.244). A imitação é explícita, sem disfarces: o narrador participa da corrida “Las 12 a Bragado”. Não obstante, sempre há algo que o afasta do pleno contato com o tio. Neste caso, não finalizar a corrida – não passar do cemitério – impede-o de ser como o tio, o exímio corredor sem limites.

Aparentemente, procura-se imitar o mesmo gesto. No entanto, de modo dissimulado, imita-se o desejo de ser como o tio: de querer sentir o que o outro sentia. Segundo Girard (1985), o desejo é essencialmente mimético, uma vez que se imita exatamente um desejo modelo; elege-se o mesmo objeto que modelo escolheu.

Estar na corrida não se configura como uma tarefa árdua, embora o narrador não a finalize. Em outras palavras, há sempre outro desejo que nunca se satisfaz. São os mesmos passos empreendidos. Porém, incompletos. A insatisfação não parece recair sobre esta incompletude. É muito mais uma insatisfação referente à disparidade entre a maneira de correr do narrador e a de correr de Agustín. E isto se deve porque não é o objeto em si que o narrador deseja. É o ser que ele deseja: “um ser do qual se sente privado” (Girard, 1998, p. 184).

O narrador, em nenhum momento, menciona que gostaria de participar da corrida em busca de uma suposta vitória. É de modo inconsciente que, ao narrador, estar nesta corrida significa refazer os mesmos passos de Agustín. Provocar em si o mesmo encantamento relativo ao tempo em que seu tio corria.

Uma segunda aproximação entre narrador e tio acontece no início da senilidade de Agustín:

Me preguntó qué tal estaba la ruta 7. Por lo que recuerdo, fue la primera vez que hablé conmigo demostrando cierto interés sobre algo concreto. Señal de que yo había crecido realmente y ahora era un hombre, al menos para él, que era la medida de mi tiempo. (Conti, 2005, p. 246).

Esta aproximação, porém, não é direta. Podemos identificar uma mediação que se faz através de elementos situados no tempo da rememoração. Especificamente, os caminhos percorridos e conhecidos por ambas as personagens funcionam como elo que sustenta a relação entre Agustín e o narrador. O encontro com o tio é mediado pela natureza. Conhecer os caminhos torna-se um meio para aproximar-se de Agustín (ver Figura 1).

Em “As voltas do filho pródigo”, os caminhos que Zózimo percorre também funcionam como um elemento que o aproxima de João (ver Figura 2). Nos momentos em que Zózimo sentia-se bem, conversava com todos e relatava-lhes as viagens realizadas:

Era de ver a boca cheia com que ele dizia os nomes das cidades da Europa. João depois ia olhar no atlas para ver onde é que ficavam aquelas cidades, e media a distância que as separava de Duas Pontes, que nem constava do mapa. Que vidão a de tio Zózimo, ele ia conhecer o mundo! Tio Zózimo devia ser era dono de um circo fantástico. E o menino, de dia de olhos arregalados em bruma ou em sonho, viajava com ele. (Dourado, 1999, p. 98)

Neste fragmento, o desejo de viajar também pode ser visto como o próprio desejo de ser como o tio. Ou, até mesmo, de viajar com ele, o que se configura como outra maneira de aproximação. É interessante observar que o sonho da viagem, estar em outro lugar, refere-se



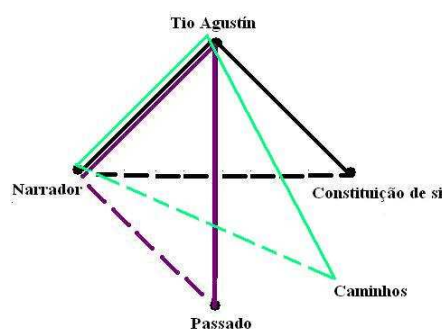
ao desejo de buscar o novo, o desconhecido. João não quer ser como os seus familiares. Deseja ser como o tio e fazer como ele faz. Também expressa o anseio de sair da cidadezinha em que mora, Duas Pontes:

Para não ficar atrás, tio Alfredo falava de Viçosa, onde ele vinha fazendo o curso de agronomia, mas as histórias de tio Alfredo empalideciam diante das histórias de tio Zózimo, eram casos batidos e sem graça que João já sabia de cor e salteado. Viçosa não tinha graça, ficava ali mesmo, feito Muzambinho, Guaxupé, Paraíso, Passos, lugares que todo mundo conhecia, não era vantagem nenhuma. (Dourado, 1999, p.99).

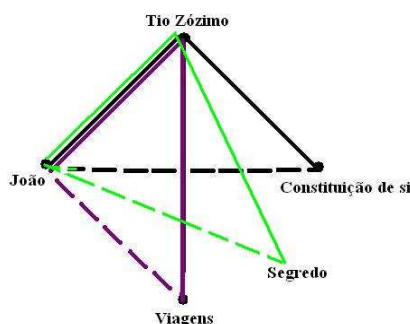
Cada passo de Zózimo precisa ser minuciosamente seguido. Durante toda a narrativa, João persegue com os olhos todo e qualquer movimento de tio Zózimo. Todos os seus gestos e pensamentos são no sentido de buscar e ter este tio perto de si. Em nenhum momento sua atenção volta-se a qualquer outra personagem.

Em “Las doce a Bragado” são os elementos locais, de Chacabuco, que unem as personagens. Agustín nunca saiu do povoado em que nasceu. O narrador volta a este povoado, tanto física quanto memorialisticamente, para reencontrar-se (com o tio) e resgatar um tempo em que se julgava mais feliz.

No caso de “As voltas do filho pródigo”, são os elementos situados justamente fora da cidade que unem discípulo e modelo. Seguir os passos de Zózimo conduz João a desvelar um mundo mais atrativo. É sempre o que está distante de Duas Pontes que o encanta. Já o narrador de “Las doce a Bragado”, através de um relato de rememoração do próprio sujeito adulto, deseja voltar à cidade de seu tio Agustín; estar próximo à natureza, pois é ali que conseguirá empreender um encontro efetivo. Nas duas narrativas, porém, é a imitação dos desejos dos tios, e não simplesmente dos gestos ou objetos, que os move em direção ao encontro dos modelos.



**Figura 1.** Relações triangulares em “Las doce a Bragado”: Narrador – o sujeito desejante –, tio Agustín, que é tanto o mediador quanto o próprio modelo que o Narrador pretende imitar. Neste caso, “Passado”, “Constituição de si” e “Caminhos” funcionam como mediadores do processo.



**Figura 2.** Relações triangulares em “As voltas do filho pródigo”: menino João – o sujeito desejante –, tio Zózimo, mediador dos desejos de João – as “Viagens” e a “Constituição de si”. O “Segredo”, porém, tem o papel predominante de mediador; desvendá-lo significa aproximar-se de Zózimo. Os elementos “Viagens” e “Constituição de si” também funcionam como mediadores do processo.

#### 4. O DUELO: MORTE E DESEJO

Em ambas as narrativas, as escolhas do modelo de imitação recaem sobre sujeitos que estão situados à margem de uma sociedade. São personagens “desviantes” no sentido pleno da palavra: desviam-se das regras; apresentam uma maneira diferente de se relacionar com os outros. Não compartilham a mesma percepção de mundo com qualquer outra personagem. Agustín, por exemplo, desvia-se dos percursos da corrida. Busca um caminho próprio. Desvia-se do contato com a sociedade. Zózimo, por sua vez, desvia-se nas viagens que empreende. As outras personagens, quando esperam uma determinada postura de Zózimo, são surpreendidas por seus caminhos desviantes: quando se espera que não mais voltará, logo chega a Duas Pontes; quando se pensa que não mais partirá, imediatamente refaz as malas.

Os sujeitos desejantes, por sua vez, não veem nesses desvios algo perigoso, ou próximo de uma patologia, como a loucura – percepções estas que são mais evidentes às outras personagens. É somente ao final de ambas as narrativas que o grau de ilusão é vencido. No entanto, é vencido não porque se atinge uma compreensão, mas sim devido à morte (no caso de “As voltas do filho pródigo”) ou à proximidade da morte (no caso de “Las doce a Bragado”). É apenas neste momento que toda a tentativa de alcançar o modelo de imitação esvai-se.

A morte não assinala o fracasso do sujeito desejante. Na realidade, a morte, ou a proximidade dela, assinala a verdade metafísica do desejo. O desejo metafísico, segundo Girard (1985), instaura-se quando o desejo deixa de ter uma relação com o objeto acessível e centra-se cada vez mais no próprio mediador. A morte do modelo, nesse sentido, adia a constituição de si. Em outras palavras, no momento em que se torna possível uma aproximação entre os sobrinhos-narradores com seus tios, a morte instaura a incompletude do desejo, desestruturando a relação triangular.

A ótica do desejo – a relação não dual, mas triangular – sequer permite a João, no transcorrer da narrativa, desvendar o segredo mais intenso das voltas de Zózimo: devido à recorrente depressão de que sofria, quando voltava a casa, anunciava-se implicitamente uma tendência ao suicídio. João não conseguiu compreender por si só a verdade mais profunda a respeito do temor que todos os seus familiares demonstravam quando Zózimo voltava. A morte, ao mesmo tempo em que desestrutura a ótica do desejo, conduz João a um choque com a realidade: um entendimento outro em relação ao modelo que admira.

De forma semelhante, quando o narrador de “Las doce a Bragado” vê seu tio prostrado em uma cama e este sequer o reconhece como membro da família, a incompletude da assimilação do modelo instaura-se de vez. E o desejo fica suspenso. E é nesta suspensão que o conto termina.

### REFERÊNCIAS

CONTI, Haroldo. **Cuentos completos**. 3ª ed. Buenos Aires: Emecé, 2005.

BOSI, Alfredo (org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

DOURADO, Autran. **O risco do bordado**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999 [1970].

GIRARD, René. **Mentira romántica. Verdad novelesca**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1985 [1961].

\_\_\_\_\_. **A violência e o sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SACRAMENTO, Adriana R. A “magia” da palavra e da memória em *O risco do bordado*, de Autran Dourado. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.21, p. 143-158, janeiro/julho, 2003.